

## COMPORTAMENTO MORAL NO ESPORTE: um ensaio epistemológico da ética kantiana à psicologia moral aplicada

### MORAL BEHAVIOR IN SPORTS: an epistemological essay from kantian ethics to applied moral psychology

Gabriel F. Reis<sup>1</sup>  
Humberto M. Carvalho<sup>2</sup>

#### Resumo

Este trabalho propõe uma revisão teórico-epistemológica sobre o comportamento moral, articulando três eixos principais: a fundamentação normativa da moralidade na filosofia prática de Kant; a transição para o campo empírico da psicologia moral, onde a moralidade é entendida como um constructo multidimensional; e o esporte como campo privilegiado para a manifestação e problematização da moral em ação. A partir da ética kantiana, fundada no imperativo categórico e na autonomia racional, discute-se o deslocamento do foco normativo para abordagens desenvolvimentistas, afetivas e contextuais do comportamento moral. O esporte é analisado como um espaço no qual valores morais são constantemente tensionados por interesses, normas grupais e pressões competitivas. Conclui-se que compreender a moral no esporte exige integrar fundamentos filosóficos e investigações empíricas, reconhecendo-o como um terreno ético complexo e formativo.

**Palavras-chave:** Esporte e moralidade; Comportamento moral; Ética kantiana; Desenvolvimento moral.

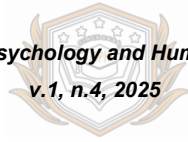
#### Abstract

This work proposes a theoretical-epistemological review of moral behavior, articulating three main axes: the normative foundation of morality in Kant's practical philosophy; the transition to the empirical field of moral psychology, where morality is understood as a multidimensional construct; and sport as a privileged field for the manifestation and problematization of morality in action. Starting from Kantian ethics, founded on the categorical imperative and rational autonomy, the shift from a normative focus to developmental, affective, and contextual approaches to moral behavior is discussed. Sport is analyzed as a space in which moral values are constantly strained by interests, group norms, and competitive pressures. It concludes that understanding morality in sport requires integrating philosophical foundations and empirical investigations, recognizing it as a complex and formative ethical terrain.

**Keywords:** Sport and morality; Moral behavior; Kantian ethics; Moral development.

<sup>1</sup> Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. E-mail: [faveroreis@gmail.com](mailto:faveroreis@gmail.com).

<sup>2</sup> Faculdade de Esportes, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.



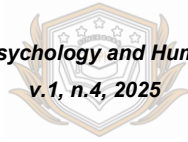
## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 A moralidade como problema epistemológico

A moralidade, enquanto categoria filosófica e prática, tem sido importante objeto de estudo no decorrer da história. De norma transcendental a conduta observável, de virtude pessoal a regulação institucional, a moral percorre diferentes regimes de saber e formas de racionalidade (Turiel, 2002). Nos últimos anos, observa-se um crescente interesse, por parte das ciências humanas e sociais, em compreender os comportamentos morais, especialmente no que se refere às suas origens, formas de manifestação e influências contextuais. Esse interesse envolve investigações sobre seus processos de ontogênese e os determinantes culturais que moldam sua expressão em diferentes sociedades (Nucci, 2001).

Dentre esses contextos, o esporte se destaca como espaço privilegiado para a análise do comportamento moral, por reunir elementos como competição, regras, julgamento e valores coletivos. Atitudes como o respeito às regras, a empatia com os demais participantes e o exercício do autocontrole são frequentemente valorizadas e incentivadas, configurando-se como elementos potencialmente formativos da conduta moral (Martinek; Hellison, 1997). Essas disposições não apenas contribuem para o bom convívio no ambiente competitivo, mas também podem repercutir positivamente em outros domínios da vida do indivíduo, como nas relações escolares, familiares e profissionais.

No entanto, o esporte não é, em si, moralmente neutro nem univocamente formativo. Em determinados contextos, pode favorecer comportamentos antissociais, como trapaça, agressividade intencional e manipulações estratégicas orientadas por interesses extramoriais (Greendorfer, 2002). Essa ambiguidade convida à reflexão crítica sobre o verdadeiro impacto da prática esportiva no desenvolvimento moral, exigindo investigações que considerem as mediações institucionais, culturais e relacionais que atravessam sua vivência (Weiss; Wiese-Bjornstal, 2009).



## **1.2 Kant e a moral como dever racional: a ética da autonomia**

A filosofia moral de Kant (1724–1804) representa um marco na ética e na moralidade. Em *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (2023) e na *Crítica da Razão Prática* (2017), Kant apresenta uma ética não fundamentada em interesses, consequências ou inclinações, mas ancorada na razão prática. A ação moral é dirigida pelo imperativo categórico, entendido como uma máxima que possa ser universalizada.

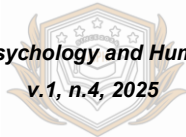
Uma de suas formulações mais conhecidas afirma: “Age apenas segundo a máxima que possas querer que se torne uma lei universal”. Essa universalização não depende de contextos, culturas ou sentimentos, mas da estrutura formal da razão (Paton, 1971). O sujeito moral kantiano é um legislador autônomo, cuja liberdade se expressa na obediência à lei que ele próprio reconhece racionalmente como válida.

O conceito de autonomia é central nesse sistema. Diferente da liberdade como ausência de impedimentos, a autonomia kantiana consiste na capacidade de autodeterminação ética com base em princípios racionais. Assim, a boa vontade - agir por dever, e não por inclinação - é o único bem moral incondicionado. Esse modelo distancia-se tanto do utilitarismo consequencialista quanto das éticas da virtude baseadas no caráter ou no sentimento (O'Neill, 1989).

Epistemologicamente, Kant inaugura uma ética formalista e transcendental, cujos princípios não derivam da experiência, mas da própria razão. Trata-se de um sistema normativo que visa à universalização da moral, independente de contextos empíricos (Wood, 1999). Contudo, justamente por sua abstração, a ética kantiana foi criticada por sua dificuldade em lidar com a variabilidade histórica, afetiva e situacional da moral concreta, abrindo espaço para o surgimento da psicologia moral.

## **1.3 Da moral como norma à moral como comportamento: o surgimento da psicologia moral**

As limitações da ética kantiana estimularam investigações empíricas sobre a moralidade, considerando a experiência do indivíduo, a cognição e a interação social (Piaget, 1994; Kohlberg, 1984; Turiel, 2002). Nesse contexto, a moral deixa de ser apenas um dever transcendental e passa a ser compreendida como um fenômeno psicológico, observável e mensurável.



O comportamento moral passa a ser entendido como um constructo multidimensional, envolvendo julgamento (Haidt, 2001), motivação (Hardy; Carlo, 2005), emoção (Haidt, 2001) e ação (Bandura, 2014). Esse deslocamento permitiu o desenvolvimento de métodos de investigação e instrumentos de mensuração aplicáveis a diferentes contextos, inclusive o esporte (Rest *et al.*, 1999).

Piaget é pioneiro ao compreender a moral como um processo de desenvolvimento cognitivo, distinguindo a heteronomia moral da autonomia moral. Kohlberg amplia essa perspectiva ao propor estágios de desenvolvimento moral, culminando no nível pós-convencional, inspirado nos princípios universais kantianos. Posteriormente, Gilligan critica o viés racionalista e propõe a ética do cuidado, enfatizando empatia, relações e responsividade ao outro.

Bandura contribui ao introduzir o conceito de desengajamento moral, explicando como indivíduos justificam condutas imorais por meio de mecanismos cognitivos, como difusão de responsabilidade e minimização das consequências. Essa abordagem é especialmente relevante para compreender comportamentos no esporte.

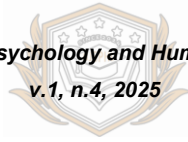
#### **1.4 O esporte como campo empírico da moralidade: entre princípios e práticas**

A prática esportiva constitui um contexto privilegiado para observar o comportamento moral em ação. Situações envolvendo respeito às regras, dopagem, trapaça, violência ou exclusão colocam os indivíduos diante de dilemas morais concretos (Morgan, 2006). O comportamento moral no esporte não se limita ao julgamento, mas se expressa nas decisões tomadas sob pressão.

Embora o esporte seja historicamente associado ao fair play e à formação moral, o esporte moderno também apresenta intensos conflitos éticos, especialmente em contextos profissionalizados. Autores como Kavussanu e Boardley destacam fatores como empatia, clima motivacional e normas grupais na explicação de comportamentos pró-sociais e antissociais.

Nesse sentido, o esporte pode ser um espaço formativo da moralidade, desde que estruturado intencionalmente com esse propósito. Caso contrário, pode reforçar práticas moralmente questionáveis.





## 2 CONCLUSÃO

Esta revisão discutiu diferentes perspectivas epistemológicas sobre o comportamento moral, desde a ética kantiana até a psicologia moral aplicada ao esporte. Evidencia-se que o comportamento moral não é inerente ao indivíduo, mas resulta de suas experiências e interações sociais. O esporte emerge como um campo complexo e potencialmente formativo, cuja contribuição para o desenvolvimento moral depende das condições culturais, institucionais e pedagógicas que o estruturam.

## REFERÊNCIAS

- ALLISON, H. E. **Kant's theory of freedom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- BANDURA, A. Social cognitive theory of moral thought and action. In: **Handbook of moral behavior and development**. New York: Psychology Press, 2014. p. 45–103.
- BLASI, A. Moral identity: Its role in moral functioning. In: **Morality, moral behavior, and moral development**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1984. p. 128–139.
- BOARDLEY, I. D.; KAVUSSANU, M. Development and validation of the moral disengagement in sport scale. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 29, n. 5, p. 608–628, 2007.
- BUTCHER, R.; SCHNEIDER, A. Fair play as respect for the game. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 25, n. 1, p. 1–22, 1998.